

Director literario:

Antonio Campa Vta
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo de Sá
PAPUSSE

AVENTURAS DE PIM, DE PAM E DE PUM

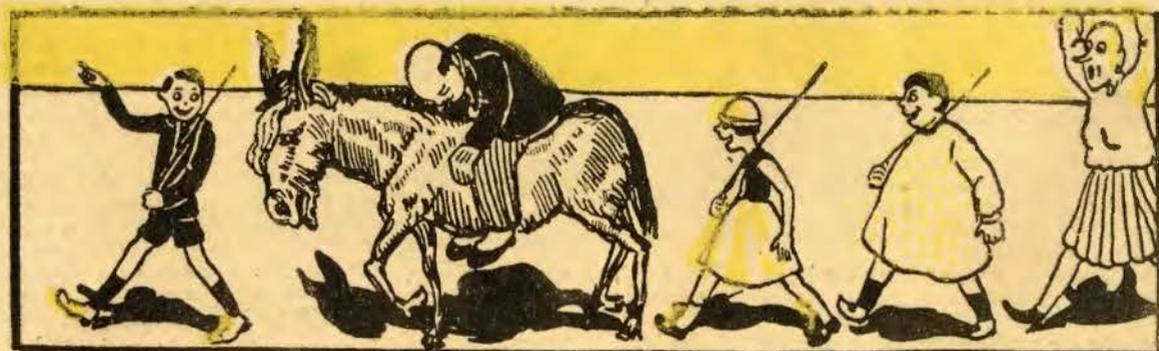
Continuação do número anterior



O balão subiu, subiu...
E já muito alto ardeu;
Nisto, a guedelha caiu,
Aos trambolhões, lá do céu!

O noivo que, nessa altura,
Os sentidos recupera,
Ao ver a triste figura
Da noiva que estremeceira,

Careca, como o escritor
D'Anunzio, de olusa e saia,
Uma vez mais perde a cô,
E novamente desmaia.



Entretanto, a cabeleira
Cai na cabeça dum burro
Que ia a passar para a feira,
Com um ar muito casmurro.

Vendo o noivo desmaiado,
A Pam, o Pum e o Pim,
Com muitíssimo cuidado,
No burro o montam e assim

A noiva, com o toutiço
A' mostra, sem o chinó,
Fizeram, sem dar por isso,
Uma marcha «au flambeau!»



...MAL ME QUER... ...BEM ME QUER...

POR DURVAL PIRES DE LIMA—DESENHOS DE EDUARDO MALTA

HA VIA uma vez, em um jardim muito bonito, uma quantidade de canteiros cheios de flores. E eram as flores mais belas que se podia imaginar: — rosas de todas as cores, vermelhas, brancas, amarelas, cheias de pintinhas, cheias de laivos, baptisadas com os mais engraçados nomes; e eram tantos os cravos e os lírios, que ao sopro do vento levemente as longas agomias brancas e vermelhas debruçadas e cobertas de pólen ondulavam como se fossem muitas ondas pequeninas.

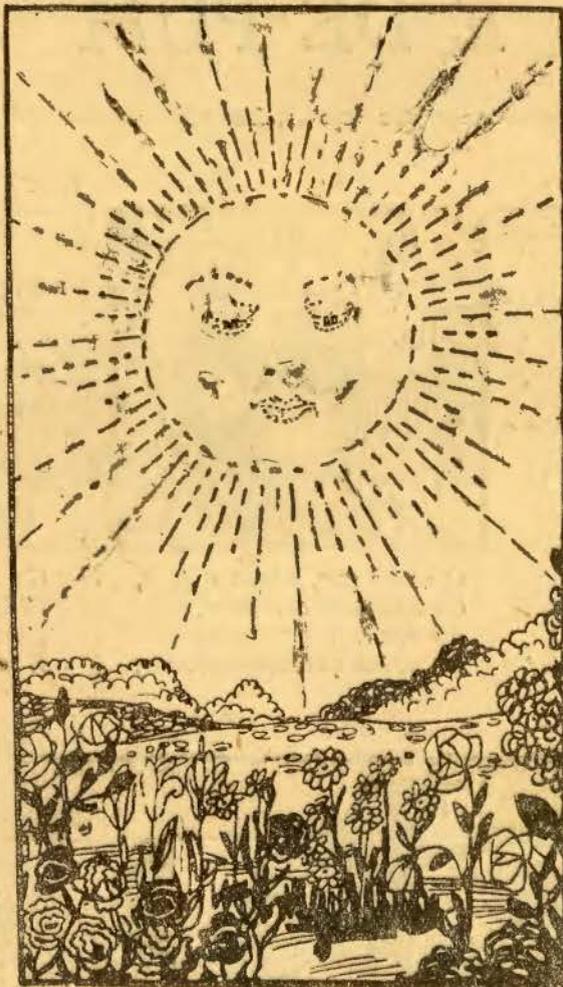
Nesta nação a quem os compêndios chamavam «Reino do Mangerico», havia gente nobre e da ralé, havia príncipes, duques e marquezes e de povo a quantidade era enorme.

Todas estas flores, de muitas cores, tinham a vida igual à nossa, porque isto se passou há muitos annos, mesmo antes do tempo dos Afonsinhos, que por si já é uma coisa muito antiga.

Não havia guerras naquele reino, eram todos muito amigos uns dos outros e cada um na sua casa vivia do que tinha, não desejando o mal do seu próximo, nem cometendo más acções. Era tudo muito feliz, muito engraçado, muito contente e alegre, como o são as criancinhas pequeninas.

Água não faltava, porque as santas núvens a mandavam sobre a terra, e de noite mais ou menos sempre a humidade caía. Eram boasinhas aquelas flores de todas as cores, obedientes ao seu Deus, o Senhor Sol, que lá em cima brilhava e rebrilhava muito polido e muito doirado.

Mais não era preciso para que se passasse tudo em bem, eram todas pacatas e só, de quando em quando, davam festas a uns e outros com alegria geral, e ainda mais às floresinhas pequeninas e pôbresinhas, como as papoulas, as sardineiras, e miosótis, que de longe gosavam aqueles espectáculos tão engraçados.



Um dia, para comemorar os annos do Rei da Nação do mangerico, houve grande parade a noite a eleição da rainha da beleza, concurso em que entravam as rapariguinhas flores, tanto do povo como da aristocracia, a ver qual era a mais bonita. E todas se ataviavam e se perfumavam o melhor possível por causa do príncipe «Amor Perfeito», que tomaria por esposa a mais bela entre as mais belas.

Muitas flores concorreram á quele certâmen, mas com certeza nenhuma tão tola como a «Margarida», que os pais tratavam em casa por Guidinha para aqui, Guidinha para acolá. Estreara nêsse dia um fato de rolhinhas verdes recortadas à tesoura, e puzera uma gargantilha branca que a fazia admirada de todas.

A' Margarida, que em tempo namorara o Girasol, poeta nefelibata de seu officio, metera-se-lhe na cabeça o vir a ser princesa, não para tirar seus pais da miséria mas porque, como todas as mulherzinhas insignificantes, tinha tanta toleima e desejo de ser mais que as outras, que afinal ninguém gostava dela.

Por isso a Margarida, quando chegou ao largo que havia no meio do canteiro e onde em tempo uma linda roseira fazia a admiração de todo o reino, afastou-se logo das outras companheiras, que desejosas de ganhar tão grande prêmio, se conservavam humildes e olhando para o chão envergonhadas pelo

que ia succeder. A Guida; toda tola com a sua gargantilha branca, andava daqui para ali num virote, mas sempre com uns grandes ares de princeza e mulher de Sua Alteza o príncipe Amor Perfeito.

O povo, quando a viu, começou a rir-se e a fazer troça, porque estava mais que convencido que aqueles enfeites tão espalhafatosos não eram mais que para esconder o pescoço tão feio, tão feio como um bicho de conta verde e enro-lado.

O príncipe, no meio do seu estado maior, e dos seus duques e condes, andava já no largo observando as pretendentes com ares de grande entendido, não fazendo caso de muitas, e rindo-se de outras, pois era difícil de contentar.

O condestável do reino, que era o D. Goivo, mostrou então muito discretamente ao príncipe a Margarida, que mais presumida do que nunca, se adiantava meneando levemente os quadris e balouçando a cabeça doirada desdenhosamente.

Amor Perfeito sentiu um baque em seu coraçãozinho minúsculo e, adiantando-se para ela, descobriu-se, pôs um joelho em terra e, muito brandamente, tomou-lhe a mão. A Margarida endireitou-se na haste verde e dignou-se a sorrir, — (pudera!) — o maior magnate da terra (sem falar no rei, já se vê), mais lindo que o próprio Cupido, de rastros a seus pés!

O seu sorriso queria dizer que estava satisfeita e que aceitava a honra de ser sua esposa!

Amor Perfeito, filho do Rei «Cravo Roxo» e da Rainha Rosa Chá, avançou então com ela até meio do largo, subiu as escadas dum chafariz (não é o do Andaluz) e apresentou dali a noiva à roda dos cortesãos e do povo.

Houve grande murmúrio, e o príncipe, com a irritabili-

dade própria dos seus poucos anos, quiz saber o que vinha a ser aquilo.



Então, o Condestável explicou que a noiva só valia pela gargantilha branca, o que de resto era verdade e o que foi confirmado, muito gravemente, pelo alferes-mór do reino: — D. Alecrim do Norte, e pela açafata da Rainha: — D. Alfazêma. — O príncipe não acreditou, mas por insinuações do bobo: — o Boquinhas de Coelho, — chegou-se a Margarida e perguntou se lhe queria bem. Ela sorriu ainda mais e, então, o Amor Perfeito tirou-lhe uma pétala da gola branca. Margarida fez uma careta, que o herdeiro da corôa interpretou por: — Mal me quer. — Tirou mais outra, e ela baixou os olhos: — Bem me quer, — e mais outra: — muito — e outra: — pouco — e outra: — nada. — E assim por aí adiante até que ao chegar à última, ao arrancá-la, ela sorriu tanto, tanto, que Amor Perfeito, de si para si, pensou: — Ama-me muito!

Mas que desapontamento! Mal me quer — Bem me quer — sem gargantilha branca, era a coisa mais feia, mais triste, mais desajeitada que se poderia imaginar. Tão exqu岸ita, tão exqu岸ita, que até as violetas, que costumam ter dó de todos, começaram a rir, quando a viram assim.

F I M

AS FADAS

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES — Desenhos de EDUARDO MALTA

(Continuação do número 29)

Dizendo isto, tocou, com a varinha que trazia oculta, no fato de sua mãe, e logo esta teve o condão de ver, lá longe, no mar, aquele lindo fogo de artifício queimado em honra da filha, que estava sendo festejada na praia.

Houve quem notasse a mãe de Mafalda, feita parva a olhar, a olhar ao mar, sem tirar de ali os olhos (E não dizia nada, a pobre mulher. Foi preciso Mafalda tocar-lhe no braço, para que a mãe deixasse de olhar tão atenta.

Um pescador (o Bruce), aquele que um dia, lá num ribeiro, apanhava agriões e que viu cair quasi a seus pés, lá do céu, uma coisa pesada que o assustou muito, e o fez correr tanto que só parou quando já muito cansado, disse, com certa graça:

— A mulher, *naturalmente*, tá a ver se vê chegar o marido, que ha vinte anos foi engulido por alguma baleia!

E depois cantou de improviso, ao desafio com a mulher do João Figueiredo, que não havia quem a rebatêsse nas modinhas saloias que aprendera quando pequena.

Em dias de festa de pescadores, sempre lhe pediam que cantasse a «Cana verde», o «Verde Gaió» e outras mais bonitas, que aprendeu em Ranholas, em casa da Marquinhas.

O Bruce tirou o armónium da mão do tocador e foi cantar à beira de Mafalda...

— As fadas que antigamente
Viviam nos areais,
Não tinham, não, certamente,
Tantos encantos Reais! —

E Mafalda respondeu, noutra quadra de improviso, rodeada por todos os pescadores:

— As fadas que antigamente
Viviam nos areais,
Vivem no fundo do mar,
Não se conseguem ver mais! —

E o Bruce, com seu fato domingueiro, barrete de borla verde, todo contente por ter respondido quem êle queria, continuou:

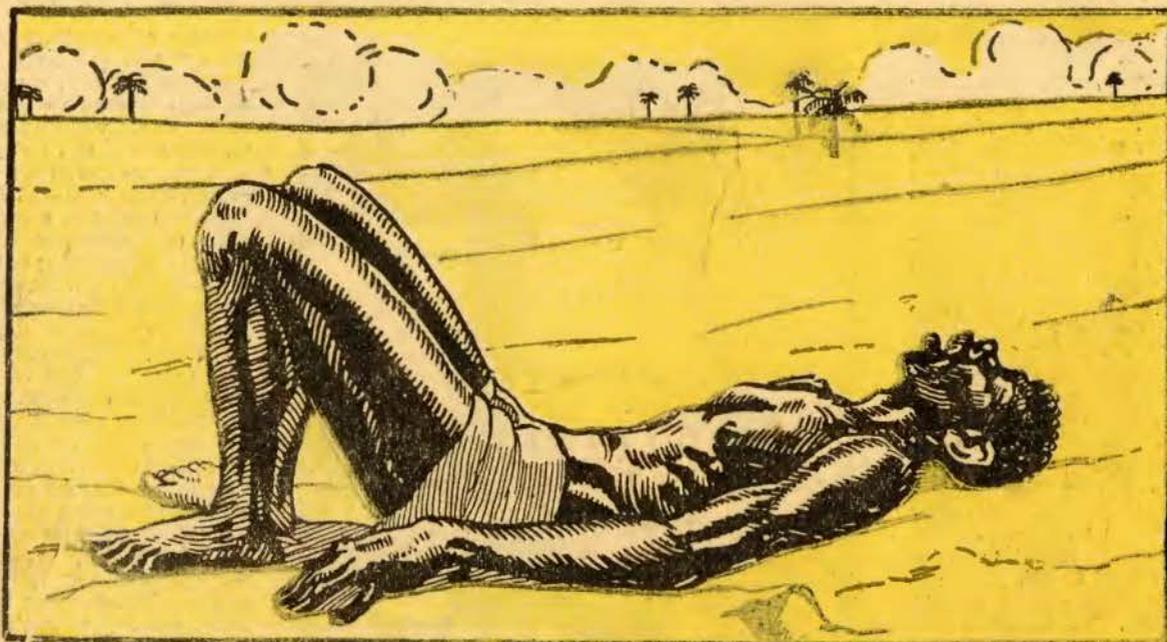
— Os anos que te não vi,
Quando andavas lá fugida,
Eu sempre rezei por ti,
Oh (meu amor, minha vida)

— O que m'importa aceitar
O amor dum pescador,
Se eu não soubesse que Helena
E' teu verdadeiro amor?!

E o Bruce ficou desnortado, não cantou mais, e perdeu o desafio.

Mafalda viveu muitos anos na companhia de sua mãe; foi muito feliz. Casou depois com um pescador, o mais arrojado da localidade. Mafalda tinha agora uma linda menina, a quem pôs o nome de Viviana, que foi depois tão prendada como fora sua mãe.

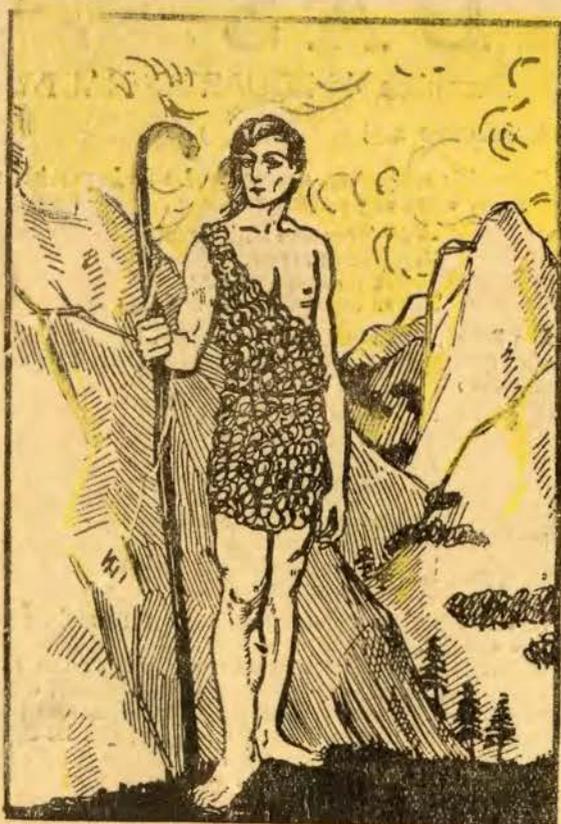
F I M



A LENDA DAS RAÇAS

POR JOSÉ S. RAU — DESENHOS DE EDUARDO MALTA

No princípio do mundo, os homens eram todos da mesma cor e do mesmo feitio. Essa cor, que já não existe, presume-se que seria aquela que vulgarmente chamamos «cor de burro quando foge». Havia só quatro homens e Deus Nosso Senhor, que era uma pessoa muito ocupada, e que naquele dia tinha que

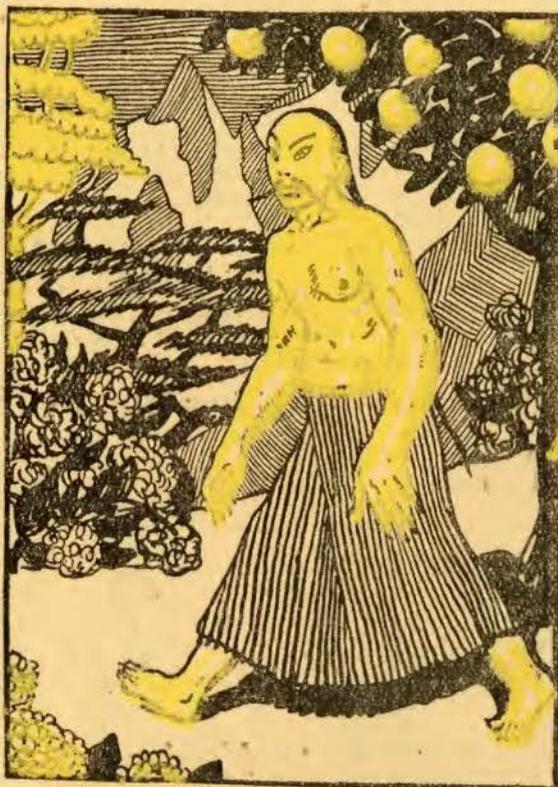


criar meia dúzia de estrelas, levou-os até à porta do Paraíso e mostrou-lhes a terra. Disse ao primeiro homem que fosse para o norte, ao segundo que se dirigisse para o sul, ao terceiro que se encaminhasse para o oriente e ao quarto que procurasse o ocidente.

O primeiro homem dirigiu-se para o norte do universo, atravessou florestas enormes e encontrou-se um dia numa região de altas montanhas e formosos lagos, no coração da Europa (provavelmente onde é hoje a Suíça). Ali bebeu a água fresca das fontes e comeu doces vitelas assadas. Foi este homem o inventor do primeiro bife. Construiu uma cabana com as suas próprias mãos e nela habitou durante algum tempo. Com o leite das vacas fabricava queijo (provavelmente queijo Gruyère) e lustrava os seus cabelos fortes com o mel doirado das abelhas, ao contrário das meninas de agora que usam água oxigenada. Numa ocasião, para fazer um queijo gigantesco, encheu um tanque de leite e tanto se descuidou que, zás catrapás, caiu dentro do tanque. Valeu-lhe um grande pedaço de nata a que se agarrou (af teem os meninos o valor da nata!) mas quando saiu para fóra o homem vinha tão branco como as coisas mais brancas deste mundo, isto é, como o próprio leite, como o luar, como a cal, a farinba, o papel, algumas rosas, e, geralmente, todas as camisas de dormir. O homem lavou-se de balde. Não creiam os meninos que ele se lavou de balde na mão, mas sim inutilmente. E para sempre ficou branco. Casando e tendo muitos filhos, deu origem à raça branca, que habita a Europa à qual todos nós, portugueses, pertencemos, assim como os espanhóis, os franceses, os ingleses e os alemães.

O segundo homem dirigiu-se para o sul do universo, atravessou um deserto imenso e chegou a uma região onde apenas havia sol e moscas. Era com certeza, a África. Ali contemplou a existência dos animais ferozes, que o não meteram no bucho por mero acaso. De uma certa vez a tromba dum elefante descomunal fez-lhe, na cara, uma ligeira carícia que teve as piores consequências, porque esse homem ficou com o nariz achatado. Chorou, praguejou e adoeceu. Com gripe, sarampo ou bexigas doidas? Nada disso, meninos, simplesmente com a doença mais vulgar na África, a doença do sono. Enquanto dormia, o sol foi-o queimando aos poucos, como se ele estivesse

numa autêntica grêlha e êle, quando acordou, viu-se preto da cabeça aos pés. Se êsse homem tivesse aproveitado o seu destino, teria feito fortuna, pois era o inventor da



primeira torrada e as torradas, como os meninos devem saber, são excelentes com manteiga. Mas êsse homem era estúpido e preferia caçar macacos e comer bananas. Ficou, do mesmo modo, tão preto como as coisas mais pretas dêste mundo, isto é, como o carvão, o alcatrão, os fatos de luto, a noite sem estrelas, o azeviche e as unhas dos meninos porcos. Os seus cabelos, queimados também, chamam-se hoje «carapinha». Não confundam com carapinhada, que é uma bebida de verão. Êsse homem casou, teve muitos filhos e deu origem à raça preta, que habita a África, onde há duas grandes colônias portuguesas, Angola e Moçambique. O pretinho Zabumbo, creado do meu vizinho Fernando, nasceu em Moçambique.

O terceiro homem dirigiu-se para o oriente do univer-

so e chegou a uma espaçosa região que se encontra nos mapas de geografia:—a Ásia. Ali sucederam-lhe as mais difíceis aventuras e um feiticeiro invisível, rei das cobras e dos lagartos, espetou-lhe um rabicho na cabeça. Esse homem, que era um filósofo, achou graça ao rabicho. Depois, aborrecido, procurou arrancá-lo, o que não conseguiu. Finalmente, procurou distingui-lo com os olhos. Assim os olhos foram-se torcendo, e quando êle quiz colocá-los na antiga posição, não houve maneira porque os olhos estavam torcidos para sempre. Desde então, bastante desorientado (o que era extraordinário, no oriente!) êsse homem percorreu toda a Ásia de rabicho na cabeça e olhos torcidos. Para que ninguém o visse e não se lembrando que não havia ninguém, construiu em volta uma muralha de pedra, que ainda hoje existe e se chama a muralha da China. Até que um dia se deitou à sombra de uma árvore e, acontecendo cair nela um ráio, um ninho cheio de ovos caiu dessa árvore e sujou o homem que dormia. Foi êsse homem o inventor da primeira «omellete». Acordou nadando em gêmas, porém, como era filósofo, não se ralou e amarelo ficou até à morte, de olhos torcidos e rabicho na cabeça. Casou, teve muitos filhos, e deu origem à raça amarela, à qual pertencem os chineses e japonezes.

Porém, a mais bela aventura coube decerto ao último homem, que se dirigiu para o ocidente do mundo e que, atravessando o mar atlântico, chegou à América muito antes de Cristovão Colombo. Era êste homem o mais forte de todos e na sua alma simples viviam sentimentos elevados. O que não o impedia de ser, ao mesmo tempo, um pescador exímio e um caçador que nunca tinha fome. Foi êle o inventor do primeiro arco e da primeira flêcha. E muitas vezes derrubou, na planície forrada de veludo verde, o búfalo possante que vale por uma dúzia de touros. O seu olhar acerado alcançava as maiores alturas e assim êle a si próprio se chamou «Olho de Águia». E com as penas brilhantes desta ave, que faz ninho nas rochas, êle adornou a cabeça direita como uma torre. Dominava os cavalos selvagens a laço, soltando gritos de triunfo, e adorava as correrias louças através dos obstáculos mais diversos. Foi êste homem o inventor do primeiro concurso hípico. Até que um dia, no decorrer duma caçada, embrenhou-se no bosque e encontrou ao pé duma acácia em



(Continuação do conto A LENDA DAS RAÇAS)

flor, um ser estranho que lhe sorria suave e doce, todo banhado de formosura. Era uma mulher. Olho de Águia, em memória do sítio, ali mesmo a batisou de «Flor de Acácia. Levou-a para a sua barraca, de pele, deu-lhe de comer e deitou-a num leito de fôlhas sêcas. Flor de Acácia não falava, sorria apenas, mas o seu sorriso era extremamente adorável e puro. Assim viveram ambos durante algum tempo; êle caçando e pescando, ela cozinhando e tratando da barraca. Até que, uma bela manhã, Olho de Águia, ao acordar, viu Flor de Acácia junto de si, com a mãosinha queimada de sol apontando o coração. Êle fez a mesma coisa e sentiu no peito um bater encantado. Compreendeu o que era o coração e o que era o amor. E compreendeu também que Flor de Acácia amava Olho de Águia, assim como Olho de Águia, amava Flor de Acácia. Então aquele homem destemido corou como uma criança, dos pés à cabeça, ficando todo vermelho como um morango maduro, como uma capinha de toureiro ou como o sangue da minha cozinheira quando corta um dedo. E o seu amor era tão sincero que essa côr nunca mais

desapareceu. Casou, teve muitos filhos e assim deu origem à raça vermelha, vulgarmente conhecida pela dos Peles Vermelhas, que os meninos conhecem das aventuras do Texas-Jack. Esta raça habitou a América durante séculos mas encontra-se consideravelmente reduzida pela crueldade dos brancos (os americanos actuais) que venceram os descendentes de Olho de Águia com espingardas e canhões.

Agora ficam os meninos sabendo a história do homem branco, do homem preto, do homem amarelo e do homem vermelho, que formam as quatro raças principais do mundo. Ficam igualmente sabendo que a raça branca habita a Europa, a raça preta, a África, a raça amarela, a Ásia, e a raça vermelha, a América enquanto houver Peles-Vermelhas. Mas como os meninos são brancos e portugueses, quero ainda dizer-lhes que Portugal fica no extremo ocidental da Europa e que já um poeta célebre lhe chamou, com toda a razão:

«Jardim da Europa à beira-mar plantado.»

F I M

Adivinhas

I

Qual a coisa, delgadinha,
Airosa, leve, pequena,
Que nunca traça uma linha
Que a não escreva com pena?!

II

Qual a coisa... qual será,
Que no papel se desenha,
Nasce da terra e não há
Ninguém que nos pés não tenha?

Revisitação das anteriores:

I — Pensamento,
II — Moinhos de vento,



?

Meninos:

Vejam se descobrem, apesar da velocidade com que vai este automóvel, as feições de quem o guia!

CORRESPONDENCIA

Maria Zita — Recebi a tua amavel cartinha à qual respondido.

O teu palpite falhou... Ninguem se zanga, socega: A história está fraquinha. Se quizeres, manda uma históriazinha melhor que eu faço-lhe uns bonequinhos.

Valen? Não te esqueças da idade! Um beijinho...

Mimi Harr — A' explicação que me pede, responderei o seguinte:

A minha primeira resposta não foi publicada, de modo que a segunda (a que leu) estava muito confusa.

No entanto, creio que não impede que continue. Não é verdade?

José Hermogenes B. e Silva — Para ser publicado faltam ao teu desenho 3 coisas:

- 1.º Papel branco sem linhas.
- 2.º Tinta escura.
- 3.º Dizeres a idade.

Helder Parreira de Faria — Recebi a tua produção intitulada «O vicio». O homensinho está com uma cara de meter medo... Servem-te as mesmas recomendações que dou ao teu «primo» Hermogenes. Um abraço.

Maria das Neves — Acertaste!
Um chi-coração

Aurelina Trovão — Então está satisfeita a minha «so-brinha»? Um beijinho repenicado.

Maria Henriqueta Dias — Achei interessantíssima a história, mas é com certeza copiada.

Maria Tereza da Cunha Rocha — Recebi os cumprimentos e uma interessante carta.

Estou esperando o conto com verdadeira impaciência.

Depois... Não é nada.

Uma dúzia de abraços...

TIOTÓNIO

P Á - T Á - P A

Á
I
T
Á
I
P
ÁV
E
N
D
A

BIBLIOTECA
PIM-PAM-PUM

I I I . . . V O L U M E

POESIAS INFANTIS POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
ESPLENDIDAS PARA AS CRIANÇAS RECITAREM
ILUSTRAÇÕES DE EDUARDO MALTA

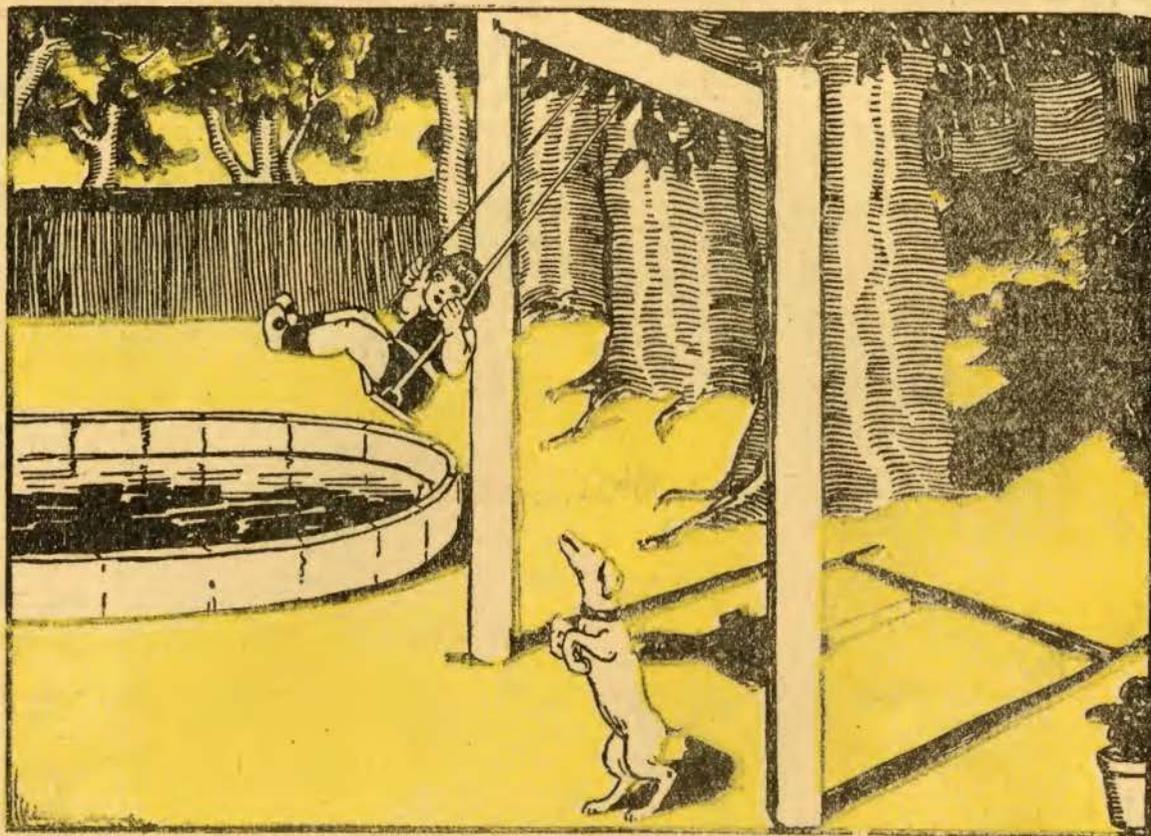
VOLUMES PUBLICADOS:

- I BARRACA DE FANTOCHES
II CÔ-CÔ-RÔ-CÔ
III PA-TA-PA

OS MELHORES
LIVROS PARA CRIANÇAS
E OS
MAIS BARATOS

PARA ASSINANTES D'O SÉCULO 4\$00
NAO ASSINANTES 5\$00

Pedidos à Administração de «O SÉCULO» — RUA DO SÉCULO, 59 — LISBOA



NO BALOIÇO

Por ANIBAL NAZARÉ
Desenhos de EDUARDO MALTA

CHEGO ao jardim,
mesmo ao fim,
junto do lago, e que oiço?
— Bébé alegre a cantar
e a saltar
no baloiço...

Mãos abertas, sem cansaço,
pelo espaço
a baloiçar,
assim sua fantasia
tambem ia,
como o baloiço, p'lo ar!...

Junto ao baloiço, a saltar
e a uivar
em latidos de alegria,
o cachorrinho, de pé,
qu'ria agarrar o Bébé,
quando o baloiço descia...

E Bébé tanto subia...
e tão feliz se sentia,

que julguei, pelo ar seu,
que pretendia subir...
subir,
atingir
o céu!!!

.....

Mas de súbito, Bébé
ao pretender pôr-se em pé,
p'ra dar um salto de truz,
escapam-lhe as cordas da mão,
e cái no chão...
Catrapuz!!!

Agora no curativo,
Bébé mais morto que vivo,
alegria já não tem,
junto da cama deitado,
o cachorrinho coitado,
parece chorar também!!!

Junho de 1926